



Da posição do verbo temático em cinco variedades ibéricas

On the position of the thematic verb in five Iberian varieties

Aquiles Tescari Neto

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo / Brasil

FAPESP

tescari@iel.unicamp.br

Resumo: O trabalho investiga a subida do verbo em duas línguas ibéricas: o português – em suas variedades brasileira e moçambicana – e o espanhol – em suas variedades colombiana, venezuelana e o peruana. Recorre à proposta cartográfica de Cinque (1999) para determinar, em cada variedade, a posição de quatro formas do verbo temático (o infinitivo, o gerúndio, o particípio passado ativo e o verbo finito) entre os oito advérbios mais baixos da Hierarquia Universal. Os dados foram obtidos por meio de julgamentos de gramaticalidade de sentenças envolvendo quatro padrões de ordenação da forma verbal mencionada relativamente a um dos oito advérbios mais baixos e o objeto do verbo. Há variação intralinguística (relativamente à altura a que cada forma verbal sobe, na hierarquia de Cinque) e interlinguística (se compararmos as diferentes alturas a que cada forma verbal sobe nas diferentes línguas consideradas). O exame dos dados favorece um abandono do movimento nuclear (para a sintaxe da subida do verbo), em proveito tão somente da assunção de movimentos sintagmáticos.

Palavras-chave: movimento do verbo; Cartografia Sintática; hierarquia de Cinque; línguas ibéricas.

Abstract: This work investigates the issue of verb raising in two Iberian languages (Portuguese and Spanish), by taking into account data from Brazilian and Mozambican Portuguese, and Colombian, Venezuelan and Peruvian Spanish. To achieve that goal, it turns to the cartographic analysis of Cinque (1999) to determine, in those languages, the position of four distinct forms of the thematic verb (the infinitive, the gerund, the active past participle and the finite verb) among the eight lowest adverbs of the Universal Hierarchy. The data were collected on the basis of grammaticality judgment tasks. The

corpus is composed of sentences involving four order patterns with the combination of one adverb, the object and the verb. There is intralinguistic variation (relative to the height where each verb form goes within the Cinque hierarchy) and interlinguistic (if we compare the different heights where each verb form stops in each language). An examination of the data favors an analysis of Verb raising in terms of phrasal movements, with an abandonment of head movements.

Keywords: verb raising; Syntactic Cartography; Cinque hierarchy; Iberian languages.

Recebido em 13 de setembro de 2018

Aceito em 26 de janeiro de 2019

1 Introdução

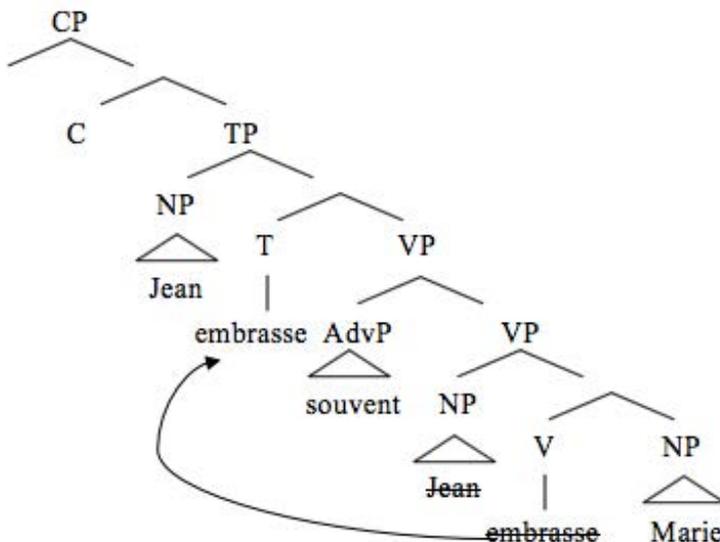
Na tradição gerativista pollockiana, os advérbios têm sido considerados como bons diagnósticos para movimentos, sobretudo para o movimento do verbo. Uma vez que são tomados como adjuntos de projeções do verbo (VP, TP, AgrSP, etc.), podem detectar se o verbo deixou ou não o domínio temático e se moveu para alguma posição no domínio da flexão. Os dados em (1) ilustram o comportamento do francês e do inglês em relação a esse fenômeno: o movimento do verbo temático finito é obrigatório somente em francês, língua em que a ausência de movimento do verbo finito para a flexão gera agramaticalidade (cf. 1b’); o verbo (doravante V) deve se mover para a flexão em francês, ultrapassando o advérbio *souvent* ‘frequentemente’ (um advérbio de VP em POLLOCK, 1989), conforme (1a’). O inglês apresenta o comportamento oposto: o V não pode se mover – compare a agramaticalidade de (1a) com a gramaticalidade de (1b), que sugere que o V não deixou o domínio temático. Os dados de (1) são de Pollock (1989, p. 367).

- | | | | | | | |
|--------|-------|--------|----------------|---------|-------------------|--------------------|
| (1) a. | *John | kisses | often | Mary | (<i>inglês</i>) | |
| | John | beija | frequentemente | Mary | | |
| | ‘John | beija | frequentemente | Mary’ | | |
| | a’. | Jean | embrasse | souvent | Marie | (<i>francês</i>) |
| | Jean | abraça | frequentemente | Marie | | |
| | ‘Jean | abraça | frequentemente | Marie’ | | |

- b. John often kisses Mary (*inglês*)
 John frequentemente beija Mary
- b'. *Jean souvent embrasse Marie (*francês*)
 Jean frequentemente abraça Marie

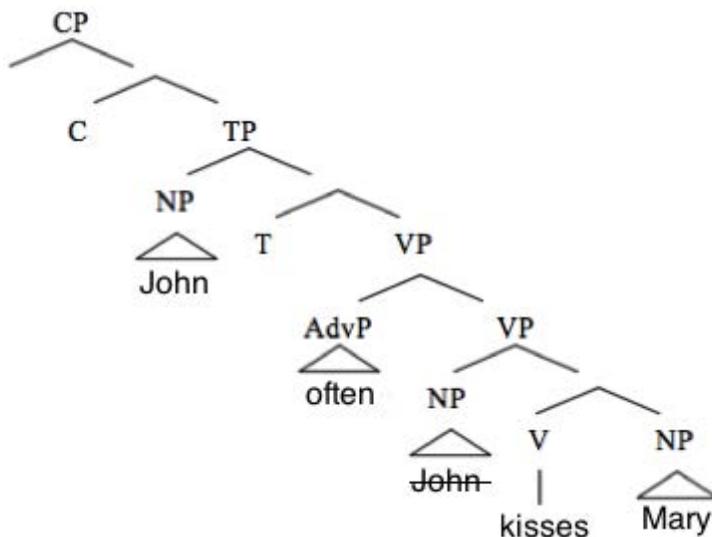
As representações dessas sentenças para as sentenças gramaticais do francês (1a') e do inglês (1b) são dadas respectivamente nas figuras 1 e 2 a seguir. Repare que o advérbio se adjunge a VP, podendo ser tomado, portanto, como diagnóstico da subida do V: no francês, língua em que há movimento obrigatório do V finito (POLLOCK, 1989), a sentença é gramatical (cf. fig. 1); no inglês, língua em que o V finito não sobe na sintaxe visível (POLLOCK, 1989), o V tem de permanecer na posição em que foi gerado (cf. fig. 2) para que a ocorrência fique gramatical.

FIGURA 1 – Da derivação de (1a')



Fonte: Elaboração própria

FIGURA 2 – Da derivação de (1b)



Fonte: Elaboração própria

No tocante, portanto, à subida do V temático finito, o inglês tem o comportamento oposto ao do francês: o V não pode se mover. Deve permanecer, portanto, *in situ* (conforme sugerido pela representação da fig. 2). Se o V não sobe em francês (1b'), diferentemente do inglês (1b), temos agramaticalidade. (1a), sentença agramatical no inglês, seria mal formada justamente pelo fato de ter derivação análoga à de (1a'), com movimento do V por sobre *often*.

Pollock considerou não só a subida da forma finita do V nessas duas variedades. O movimento da forma infinitiva do V também foi considerado para efeito de comparação entre o inglês e o francês. A julgar pelos dados do inglês em (2a,b), o movimento do infinitivo por sobre o advérbio dá lugar à má formação da sentença (cf. (2b)). Em francês, o movimento do verbo lexical no infinitivo não é necessário: em (2a'), o V não subiu por sobre *souvent* e a sentença mesmo assim é gramatical (diferentemente do que se observou com o V na forma finita (cf. (1))); em (2b'), o movimento de *paraître* 'parecer' sugere que, tendo em vista (2a'), a subida do V temático no infinitivo é opcional nessa língua. As sentenças são de Pollock (1989) – páginas indicadas ao lado delas, entre parênteses:

- (2) a. To often look sad during one's honeymoon is rare. (p. 381)
 Por frequente parecer triste durante sua lua-de-mel é raro
 'Frequentemente parecer triste durante a lua de mel é raro'
- a'. Souvent paraître triste pendant son voyage de noce, c'est rare
 Frequentemente parecer triste durante sua viagem de núpcias, é raro
 'Parecer frequentemente triste durante a sua lua de mel é raro' (p. 377)
- b. *To look often sad during one's honeymoon is rare. (p. 382)
 'Parecer frequentemente triste durante sua lua de mel é raro'
- b'. Paraître souvent triste pendant son voyage de noce, c'est rare (p. 378)
 'Parecer frequentemente triste durante sua lua de mel é raro'

Do trabalho de Pollock, tiram-se duas conclusões bastante importantes ao estudo da sintaxe da oração: primeiramente, a subida do V revela variação intralinguística, i.e., interna a um mesmo sistema. Assim, diferentes formas verbais sobem a alturas diferentes do domínio flexional: o V lexical finito em francês sobe obrigatoriamente (1a', b'); o V lexical no infinitivo, não (2a', b') – o movimento é apenas opcional, nesse caso. Temos aí um caso de variação na sintaxe do francês. Em segundo lugar, a subida de diferentes formas do V lexical pode também revelar variação interlinguística: enquanto o movimento do V lexical por sobre um advérbio de VP, em inglês, dá lugar sempre à agramaticalidade (1a, 2b), em francês, por outro lado, a ausência do movimento resulta em agramaticalidade apenas no caso do V finito (1a', b'). No infinitivo, o movimento, em francês, é apenas opcional.

Pollock (1989) foi revisitado em muitos trabalhos que também se tornaram clássicos em sintaxe gerativa, dentre os quais pode-se citar, Belletti (1990), Chomsky (1991) e Cinque (1999). Este último, p.ex., acolheu a ideia de Pollock e cindiu o IP ainda mais – dessa vez em cerca de 40 projeções funcionais, cada uma com um importe semântico distintivo, tendo um advérbio de classe semântica distinta por especificador. Esses advérbios estariam rigidamente ordenados na estrutura da oração. Na esteira, então, de Pollock (1989) e Cinque (1999), é possível tomar os advérbios da hierarquia universal para detectar as diferentes alturas a que diferentes formas verbais podem chegar em uma mesma língua e em línguas distintas. Isso foi apresentado em Cinque (1999) para algumas línguas românicas. Em nosso trabalho, o objetivo é estender

essa investigação – e sua metodologia – a duas línguas, o português e o espanhol, representadas respectivamente pelas seguintes variedades: português brasileiro (PB) e português moçambicano (PM); espanhol colombiano (EC), espanhol peruano (EP) e espanhol venezuelano (EV)). Estudaremos o movimento de quatro formas verbais (V finito, infinitivo, gerúndio e particípio passado ativo) em relação aos oito advérbios mais baixos da hierarquia universal.

O trabalho se organiza da seguinte forma: na seção 2, apresentamos as bases teóricas que fundamentam o trabalho; na seção 3, a metodologia de investigação. A seção 4 propõe um mergulho nos dados das cinco línguas ibéricas mencionadas no parágrafo anterior, considerando cada uma das quatro formas verbais aqui estudadas, consideradas em subseções específicas. A seção 5 avança a ideia de que se pode recorrer tão somente a movimentos sintagmáticos na análise do movimento do verbo. As conclusões são sintetizadas na seção 6, à qual se seguem as referências.

2 Fundamentação teórica

Cinque (1999) mostrou, com base na ordenação de advérbios das mais diferentes classes semânticas e com base na ordenação de núcleos funcionais, que os advérbios, na verdade, os sintagmas adverbiais (AdvPs) são os especificadores únicos das cerca de quarenta classes de núcleos funcionais do *Middlefield* (campo do IP). Para chegar à sua hierarquia dos advérbios e núcleos funcionais, Cinque tomou dois advérbios de cada vez (nas duas ordens possíveis), determinando a ordenação das cerca de quarenta classes de AdvPs. Fez o mesmo para os núcleos funcionais. Os exemplos (3) e (4) ilustram os testes de precedência empregados por Cinque, para os advérbios *clearly* e *probably* ('claramente' e 'provavelmente', respectivamente), em inglês, que correspondem às posições de especificador da projeção evidencial (*clearly*) e epistêmica (*probably*). Essa metodologia se tornou clássica em Cartografia Sintática, uma vez que permite ao estudioso determinar com precisão a sequência dos núcleos funcionais em determinada língua.

- (3) Clearly John probably will quickly learn French perfectly

Claramente John provavelmente vai rapidamente aprender francês perfeitamente

(4) *Probably John clearly will quickly learn French perfectly

(BOWERS, 1993, p. 607, *apud* CINQUE, 1999, p. 33)

Apenas uma ordem é possível se os advérbios *clearly* e *probably* são combinados, i.e., a ordem que, segundo Cinque, é a hierárquica, anterior a qualquer experiência linguística, por ser um construto da Gramática Universal (GU). Com essa metodologia, Cinque combina os dados dos testes de precedência (e transitividade) para os advérbios com os mesmos dados para os núcleos funcionais, chegando à conclusão de que os advérbios são os especificadores únicos de núcleos funcionais distintos de IP, conforme a hierarquia em (5).

(5) A hierarquia Universal de IP

francamente Modo_{Ato de fala} > [*surpreendentemente* Modo_{Mirativo} > [*felizmente* Modo_{Avaliativo} > [*evidentemente* Modo_{Evidencial} > [*provavelmente* Modalidade_{Epistêmica} > [*uma vez* T_{Passado} > [*então* T_{Futuro} > [*talvez* Modo_{Irrealis} > [*necessariamente* Modalidade_{Necessidade} > [*possivelmente* Modalidade_{Possibilidade} > [*normalmente* Asp_{Habitual} > [*finalmente* Asp_{Tardivo} > [*tendencialmente* Asp_{Predisposicional} > [*novamente* Asp_{Repetitivo(I)} > [*frequentemente* Asp_{Frequentativo(I)} > [*de/com gosto* Modalidade_{Volitiva} > [*rapidamente* Asp_{Acelerativo(I)} > [*já* T_{Anterior} > [*não ... mais* Asp_{Terminativo} > [*ainda* Asp_{Continuativo} > [*sempre* Asp_{Contínuo} > [*apenas* Asp_{Retrospectivo} > [*(dentro) em breve* Asp_{Aproximativo} > [*brevemente* Asp_{Durativo} > [(?) Asp_{Genérico/Progressivo} > [*quase* Asp_{Prospectivo} > [*repentinamente* Asp_{Incoativo(I)} > [*obrigatoriamente* Modo_{Obrigaçao} > [*à toa* Asp_{Frustrativo} > [(?) Asp_{Conativo} > [*completamente* Asp_{SingCompletivo(I)} > [*tudo* Asp_{PlurCompletivo} > [*bem* Voz > [*cedo* Asp_{Acelerativo(II)} > [*do nada* Asp_{Incoativo(II)} > [*de novo* Asp_{Repetitivo(II)} > [*frequentemente* Asp_{Frequentativo(II)} > ... (adaptado, a partir de CINQUE, 1999, p. 106, para o português, com base nos testes de SANTANA, 2005, 2007 e TOSQUI; LONGO, 2003)

Uma vez que, segundo Cinque, os advérbios de (5) estão rigidamente ordenados acima de VP, podem ser tomados não só como diagnósticos para a subida do V como também como indicadores da altura aonde diferentes formas verbais chegam em diferentes línguas, no campo do IP. É justamente isso que será investigado neste trabalho. Estudaremos, como já dito na seção anterior, a posição do V finito, do infinitivo, do particípio passado ativo e do gerúndio em relação a oito classes de advérbios (a saber, os oito mais baixos da hierarquia em

(5) nas cinco variedades ibéricas já mencionadas. Argumentaremos em favor de uma análise da subida do verbo puramente em termos de movimento sintagmático, não nuclear. Para atender aos objetivos do trabalho, recorreremos à vertente Cartográfica da Teoria de Princípios e Parâmetros (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999; CINQUE; RIZZI, 2010; RIZZI; CINQUE, 2016).

Está na base da epistemologia cartográfica, como diretriz metodológica, o Princípio do ‘One Feature, One Head’ (KAYNE, 2005; CINQUE; RIZZI, 2010), segundo o qual, para cada traço do sistema conceitual, uma categoria é projetada na sintaxe. Esse princípio está intimamente ligado, p.ex., à ideia das hierarquias cartográficas. Tomemos, p.ex., a hierarquia universal de Cinque (1999), apresentada em (5): cada advérbio seria dotado de um traço específico (traço esse compartilhado pelo núcleo à direita, na mesma projeção), o que faz sentido se pensarmos que, em última instância, a hierarquia em (5) nada mais é do que uma organização das categorias (traços), categorias essas rigidamente ordenadas numa estrutura de base. É tarefa de toda investigação cartográfica, ao fazer sintaxe comparativa, chegar a essa estrutura de base que, de acordo com a Cartografia Sintática, seria compartilhada por todas as línguas (CINQUE; RIZZI, 2010; RIZZI; CINQUE, 2016). Em línguas flexionais (como as línguas em estudo aqui), advérbios baixos poderão determinar não só se o V sobe ou não a determinada posição no domínio da flexão como também a altura a que determinada forma verbal deve se mover obrigatoriamente.

A assunção de domínios mais articulados pela cartografia (CP (RIZZI, 1997, 2004), IP (CINQUE, 1999, 2006), vP (BELLETTI, 2004)) traz algumas questões bastante interessantes à teoria do movimento do verbo, dentre elas:

- 1) quais classes de advérbios podem ser tomadas como diagnósticos para a subida do V?
- 2) quais as diferentes alturas para onde formas diferentes do V lexical vão numa dada língua e em línguas distintas?
- 3) que movimentos dão lugar às ordens atestadas?

Essas questões estão na base da presente investigação. Para além de oferecer explicações a cada uma delas, esperamos, ao final, oferecer explicações a duas importantes questões que se colocam para toda teoria

do movimento do verbo: (i) haveria ligação entre riqueza de concordância e movimento do verbo?; (ii) o movimento nuclear poderia ser dissolvido em movimento sintagmático? Para responder essas questões, faz-se necessário, antes de apresentar os dados, descrever a metodologia utilizada em nossa investigação.

3 Metodologia

Recorrendo à abordagem cartográfica para o estudo do movimento do V nas variedades ibéricas investigadas, o trabalho assume, no tocante à arquitetura da projeção estendida do V, sobretudo as diretrizes dos trabalhos de Cinque (1999, 2006, 2013).

Para Cinque (2006, 2013), nada entra na derivação à direita do V. O VP é ‘juntado’ (‘Merged’) com um núcleo em cujo especificador será inserido um dos argumentos do V, seguindo a hierarquia temática apresentada em (6). Desse modo, Cinque (2006, cap. 6) considera que os argumentos do V entram na derivação (naturalmente em posições de especificadores) *acima de VP*:

- (6) DP_{time} > DP_{location} > ... > DP_{instrument} > ... > DP_{manner} > ... > DP_{agent}
> DP_{goal} > DP_{theme} > V^o (CINQUE, 2013, p. 10)

No espírito da hierarquia em (6), o argumento interno de um V transitivo direto não é juntado/combinado (‘Merged’) diretamente com ele à sua direita (como em LARSON, 1988); o V sozinho projeta o VP (sem especificador ou complemento)^{1,2} e o VP se combina com um núcleo em cujo especificador, seguindo a hierarquia em (6), teremos o

¹ Assim seria nos outros domínios estendidos: na projeção estendida do N, p.ex., o N se juntaria (por ‘Merge’) com um núcleo em cujo especificador entraria a categoria funcional mais baixa da projeção estendida do N (em CINQUE, 2005), o AP, segundo a ordem: Dem > Num > A > N). Categorias lexicais seriam, na abordagem cartográfica de Cinque, a força motriz dos movimentos sintáticos. Faz bastante sentido, então, que a categoria lexical seja o primeiro constituinte a entrar na derivação, projetando camadas de constituintes funcionais (a *sequência-f*) sempre acima.

² As hierarquias em (5) e (6) fazem parte, na verdade, de uma única hierarquia de constituintes fráscicos. Assim, devem ser lidas da seguinte maneira: à esquerda do V, projetam-se, em posições de especificadores, as categorias da hierarquia em (6). Acima desses, projeta-se a hierarquia dos advérbios (5).

DP-tema (se presente). Para cada elemento dessa hierarquia – categorias sintagmáticas, que entrariam a derivação em posições de especificadores únicos (segundo a antissimetria de Kayne (1994), que limita um único especificador para cada núcleo) – corresponderia uma posição de núcleo. Cada vez que um argumento é inserido no especificador, novo núcleo é criado, acima, para receber o VP ou porções maiores (resultantes de movimento) (cf. CINQUE, 2006; TESCARI NETO, 2013). Uma vez que o complemento de um V transitivo é, em Cinque, inserido acima de VP, as possibilidades matemáticas/lógicas de ordenação do V não se reduzem apenas a duas (*AdvP-V* (sem movimento) e *V-AdvP* (com movimento)). Se considerarmos o objeto, que, a julgar por (6), precede o V na hierarquia – o que deve ser lido, na história derivacional, como *devendo entrar na derivação em um Spec acima do VP* –, teremos então 3! de possibilidades lógicas de ordenação dessas três categorias, ou seja, seis possíveis combinações dos elementos *AdvP*, *Objeto* e *V*, os quais, tendo em vista a hierarquia em (6), teriam, como “estrutura de base”, (7a). Seguem-se, em (7b-e) as outras cinco possibilidades lógicas de ordenação:

- (7) a. AdvP – objeto – V
- b. AdvP – V – objeto
- c. V – AdvP – objeto
- d. V – objeto – AdvP
- e. objeto – V – AdvP
- f. objeto – AdvP – V

Primeiramente, a propósito de (7a-f), é importante lembrar que, no presente estudo, investigamos a posição de quatro formas do V lexical – a saber, a forma finita, o infinitivo, o gerúndio e o particípio passado ativo – relativamente aos AdvPs da hierarquia em (5), apresentada na seção 1. Portanto, conforme veremos mais adiante, V deverá ser substituído, em (7), por cada uma dessas quatro formas verbais. Em segundo lugar, conforme já dito, “AdvP”, no esquema em (7), é para ser entendido como cada um dos oito advérbios mais baixos da hierarquia de Cinque, cujo estrato é reproduzido em (8) – com os representantes de cada classe, respectivamente em português e espanhol.

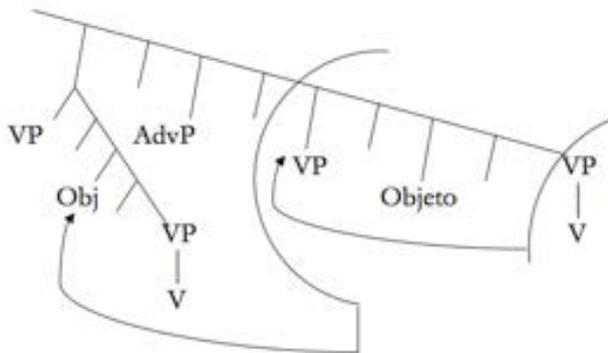
(8) ... > ... > obrigatoriamente/obligatoriamente_(RootModality) > em vão/en vano_(Frustrative) > completamente_(SgCompletive) > tudo/todo_(PlCompletive) > bem/bien_(Manner) > cedo/temprano_(CelerativeII) > do nada/de la nada_(InceptivII) > de novo/de nuevo_(RepetitivII) > com frequência/con frecuencia_(FrequentativII) > VP (adaptado de CINQUE, 1999, p. 106, por TOSQUI; LONGO, 2003, SANTANA, 2005, 2007 e TESCARI NETO, 2013 para o PB; para o espanhol, baseia-se em GARCÍA CARABALLO, 2018 e FORERO PATAQUIVA, 2018).

A propósito ainda de (7), investigamos, com exceção de (7a) – por ser a ordem que, no modelo de Cinque, se considera como sendo a ordem de base –, apenas a ordem VO, excluindo, portanto, as ordens (7e,f). Desse modo, para cada um dos oito advérbios de (8), testamos as ordens (7a-d).

O PB e PM são línguas VO, o que descartaria, já de início, a testagem de (7e,f). Essa exclusão se justificaria também para as variedades hispânicas aqui investigadas, sobretudo se considerarmos que (7f), seguindo o algoritmo de derivação avançado em Cinque (2006) e estendido aqui também aos argumentos de V, não seria derivável: não há como obtê-la por movimento de VP. (7e) poderia ser derivada pelo movimento do VP carregando o objeto no modo *pictures-of-whom* de *pied-piping* (i.e., com movimento do bloco [_{FP} [_{Spec} Obj [_{VP} V]]]) a um especificador acima do AdvP). Para oferecer, portanto, um tratamento uniforme, ao português e ao espanhol, deixamos a testagem de (7e), em espanhol, para um outro momento – muito embora a agramaticalidade das ocorrências que seguem o padrão (7a), mesmo em espanhol, nos exima da testagem dessas duas ordens: essas línguas não parecem ser OV.

(7a) corresponderia a uma ordenação em que o VP não teria se movido sequer por sobre o objeto. Por se tratar, no modelo de Cinque (2006), de ser a “ordem de Merge/de base” dos elementos (V, Objeto e AdvP), essa será a única de ordem OV investigada. (7b) corresponderia a uma ordenação segundo a qual o V teria se movido por sobre o objeto mas não por sobre (determinado) AdvP. Já (7c) ilustraria a subida do V(P) por sobre o objeto e por sobre (determinado) AdvP. A derivação de (7d) envolveria movimento do VP por sobre o objeto com *pied-piping* deste por sobre o AdvP no modo *whose-pictures* de *pied-piping*, i.e., com inversão da ordem (cf. fig. 3).

FIGURA 3 – Movimento do VP+Objeto por sobre o AdvP



Fonte: Elaboração própria

Para os advérbios baixos e mediais, (7d) representou a ordenação preferida em grande parte das ocorrências testadas, conforme veremos na próxima seção, independentemente da variedade e do tipo de forma verbal. Este quadro parece sugerir que o movimento do V, nas cinco variedades em estudo, é preferivelmente sintagmático, o que, de certo modo, conforme veremos, levaria o analista a de fato abrir mão do movimento nuclear, pelo menos em termos de movimento do V.

Para cada variedade estudada, os dados foram coletados por meio da elicitaco de julgamentos de gramaticalidade (um falante por variedade). Os dados do EC e do EV sobre o movimento do verbo finito e participio passado ativo provêem, respectivamente, dos trabalhos de Forero Pataquiva (2018) e García Caraballo (2018). Para o movimento do gerúndio em EV, provêem de Tescari Neto e García Caraballo (2018). Os dados do PM foram obtidos junto a uma quantidade maior de informantes (20 para cada sentença) em trabalho de campo, reportados em Tescari Neto (2018). Para o estudo do movimento do verbo no PM, consideramos uma escala *likert* de 1 a 5, em que 1 significa “muito mal formada” e 5 “muito bem formada”. Consideramos, então, a média dos julgamentos reportados para cada ocorrência, sendo que os valores entre 1 e 2,3 foram considerados “*”. De 2,3 a 3,3, marginais; de 3,3 a 5, gramaticais. Os dados do PB são do próprio autor do trabalho, salvos os casos onde indicada a fonte diversa. Os dados do EP foram coletados pelo autor, junto a um informante de Lima.

4 O movimento do verbo em línguas ibéricas fora da Ibéria

Uma vez que estudamos aqui a subida de quatro formas verbais por entre cada um dos oito advérbios mais baixos da hierarquia de Cinque em variedades de duas línguas ibéricas, teremos de optar pelas ocorrências que serão efetivamente apresentadas, uma vez que não haveria espaço para a apresentação de 640 dados (4 formas verbais x 4 ordenações testadas x 8 advérbios x 5 variedades). Desse modo, apresentaremos apenas alguns exemplos ilustrativos (de sentenças) para cada padrão de ordenação e forma verbal, sintetizando os resultados (os julgamentos de gramaticalidade reportados – que substancialmente são, na verdade, os dados de *língua-I* que realmente interessam a uma investigação gerativista, por permitirem que o analista chegue, através deles, a um desenho aproximado da GU –) em tabelas.

A seção será dividida em quatro subseções: uma para cada forma verbal. Os dados serão apresentados *por advérbio* tendo em vista os padrões de ordenação em (7a-d), da seção anterior.

4.1 Da subida do verbo temático finito

Todas as variedades investigadas apresentam movimento do V, independentemente da forma verbal considerada. Mesmo considerando tão somente os oito advérbios mais baixos da hierarquia de Cinque, é possível já perscrutar um pouco de variação, entre as cinco variedades aqui em estudo, relativamente ao movimento *obrigatório* do verbo por entre as posições do *Middlefield*.

Antes de apresentarmos o quadro com os julgamentos de gramaticalidade para o movimento do verbo temático finito, apresentamos algumas ocorrências que ilustram esses casos. É importante lembrar que estamos testando as ocorrências que entram no padrão (7a-d), da seção 3. Nos testes, substituímos AdvP em (a-d) de (7) por cada um dos oito advérbios da hierarquia de Cinque, tomados um por vez. Ilustramos, a subida do V finito a seguir, com dados do PB em (9) e (10), que ilustram a posição do V relativamente aos dois advérbios mais baixos da hierarquia, *com frequência* (9) e *de novo* (10).³

³ Conforme apontou um dos pareceristas, os dados de (9) e (10) apresentam tempo verbal distinto, o que poderia interferir nos juízos de gramaticalidade das sentenças em questão. Caroba Lopes (2018), Padula (2018) e Pina (2018) apontam haver uma

- (9) a. *O José com frequência a casa limpa
 b. */?O José com frequência limpa a casa
 c. O José limpa com frequência a casa
 d. O José limpa a casa com frequência
- (10) a. *O José de novo a casa limpou
 b. */?O José de novo limpou a casa
 c. O José limpou de novo a casa
 d. O José limpou a casa de novo

De fato, conforme esperado, não sendo OV uma ordem do PB, a ordem *advérbio-objeto-V* dá lugar à agramaticalidade (cf. (9a, 10a)). (9b, 10b) ilustram a subida do V por sobre o objeto, gerado acima de VP – conforme visto na seção anterior –, sem movimento do VP por sobre o advérbio. Essa sentença para alguns falantes é percebida como marginal ou até mesmo agramatical. É importante, contudo, lembrar que o advérbio frequentativo (*com frequência/frequentemente*) e o advérbio repetitivo (*de novo/novamente*) têm, cada um, duas posições de Merge na hierarquia de Cinque, uma alta, com escopo sobre a proposição, e uma baixa, com escopo sobre o VP. A aceitabilidade de (b), portanto, pode indicar que se está considerando não a posição baixa de Merge desses advérbios, mas a posição alta, posição essa que não precisa ser ultrapassada pelo V temático finito: os resultados apresentados no quadro 1, a seguir, sugerem que o movimento do V em PB é obrigatório à esquerda de

pequena diferença nos julgamentos de gramaticalidade envolvendo a posição do verbo finito no presente e no pretérito perfeito, se considerarmos os advérbios baixos. Assim, a ordem *de novo-V-objeto* é considerada (por esses autores) agramatical, quando o V está no presente, e marginal, quando o V está no pretérito perfeito. O raciocínio do parecerista é correto se pensarmos na altura do movimento *obrigatório* do verbo temático finito em seus diferentes tempos: o V deve subir mais, em PB, no presente (necessariamente à esquerda de *completamente*); no passado, sobe à esquerda de *tudo*, i.e., a uma posição c-comandada por *completamente*; no futuro, sobe à esquerda de *bem*, posição c-comandada por *completamente* e *tudo* (TESCARI NETO, CAROBA LOPES; PADULA, 2018).

completamente, advérbio posicionado, na hierarquia de Cinque (1999), entre o frequentativo/repetitivo altos e o repetitivo/frequentativo baixos.^{4,5}

(9c,d) e (10c,d) são gramaticais, muito embora (9d,10d) sejam as ocorrências preferidas pelos informantes. Trata-se de um fato curioso, uma vez que ambas servem como resposta à pergunta “O que aconteceu/acontece/está acontecendo?”, que induz a um cenário *out-of-the-blue*. Para alguns casos, como os descritos a seguir, há algumas diferenças de escopo relativamente a essas duas ordenações, mas este não é o caso para a maioria dos dados aqui investigados.

O quadro 1 ilustra a posição do V temático finito nas línguas aqui investigadas.⁶

⁴ Repare que dois advérbios frequentativos podem coocorrer, conforme (i), abaixo, em que o advérbio frequentativo mais alto, *raramente*, tem escopo sobre o que tudo aquilo que o segue na sentença, inclusive sobre o advérbio *com frequência*, conforme a paráfrase (i.1):

(i) Raramente o José limpa a casa com frequência

(i.1) São raras as vezes que o José limpa a casa com frequência

Por (i), infere-se que a aceitabilidade de (9b, 10b) pode ser devida ao fato de se tomar o advérbio frequentativo e o repetitivo altos, não os mais baixos, que obrigatoriamente devem se posicionar à direita de V, tendo em vista o (que quer que seja que derive do) *Head Movement Constraint* (TRAVIS, 1984).

⁵ Repare que, em PB, o V deve obrigatoriamente se mover por sobre *completamente* (tendo em vista os dados de Galves (1994), reportados em (i), a seguir.

(i) a. *O João completamente acabou seu trabalho.

b. O João acabou completamente o seu trabalho. (GALVES, 1994, p. 46)

De acordo com os dados em (i), o V finito deve obrigatoriamente se mover por sobre *completamente*. Conforme dito no texto, *completamente* está posicionado, na hierarquia, abaixo dos frequentativos e repetitivos altos, e acima do frequentativo e do repetitivo baixos. Movimento do V por sobre *em vão* já não é mais necessário, se o V está na forma finita:

(ii) a. O José *em vão* acabou o seu trabalho.

b. O José acabou *em vão* o seu trabalho.

⁶ Para esse quadro e para os demais, apresentamos, na coluna mais à esquerda, um representante para cada classe de AdvPs (do conjunto de oito classes tomadas como diagnósticos). Nessa coluna, aparece o advérbio correspondente em português. Para os correspondentes em espanhol, considerar os advérbios apresentados em (8).

QUADRO 1 – A posição do V finito em relação aos oito advérbios baixos e o objeto⁷

	AdvP – Objeto – V					AdvP-V-Objeto					V – AdvP - Objeto					V – Objeto - AdvP					
	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV	
<i>obrigatoriamente</i>	*	?	*	*	*	✓	✓	?	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>em vão</i>	*	*	*	*	*	✓	?	✓	*	*	*	✓	✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>completamente</i>	*	*	*	*	*	*	?	✓	*	*	*	✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓	✓✓	✓✓
<i>tudo</i>	*	?	*	*	*	*	?	✓	*	*	*	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<i>bem</i>	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	✓✓	✓✓	✓✓	✓	✓✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>cedo</i>	*	*?	*	*	*	*/?	?	✓	*	*	*	✓	✓	?	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>do nada</i>	*	*	*	*	*	*/?	✓	*	?	alto	✓	✓	✓	✓	?	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>de novo</i>	*	*	*	*	*	*/?	✓	*	?	alto	✓	✓	✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>com frequência</i>	*	*	*	*	*	*/?	✓	*	?	alto	✓	✓	✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓

A julgar pela tabela, a ordem *AdvP-Objeto-V* de fato não é ordem possível em nenhuma das línguas investigadas (ver os símbolos “*” dispostos na coluna relativa a essa ordem, no quadro 1). A ordem *AdvP-V-Objeto* é bastante reveladora aqui, se considerada em comparação com a ordem *V-AdvP-Objeto*: na segunda coluna de julgamentos da tabela, desconsiderando os advérbios *do nada*, *de novo* e *com frequência* – que, conforme explicado nos parágrafos anteriores, têm duas posições de Merge, o que justifica sua marginalidade (em EP e para alguns falantes de PB) ou mesmo sua gramaticalidade (para falantes do PM) –, a ausência do movimento do V por sobre *cedo* e *bem* dá lugar à agramaticalidade em todas as cinco línguas aqui investigadas. O VP deve, portanto, não só deixar o domínio temático como também se mover obrigatoriamente até pelo menos uma posição acima de *bem*, passando, naturalmente, por posições de especificadores à esquerda de cada um dos advérbios

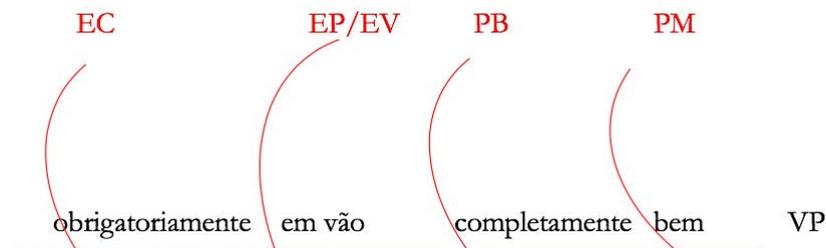
⁷ Legenda (para todos os quadros): “*”: indica sentença agramatical; “?”: indica marginalidade; “✓”: indica gramaticalidade; “✓✓”: indica ordem preferencial. A menção, “alto”, em sobrescrito, nas linhas do EV, relativas aos três advérbios mais baixos, indica que o informante aceitava essa ordenação, envolvendo os correspondentes em EV; o advérbio envolvido na ocorrência, no entanto, era o medial-alto.

O símbolo “%”, que será utilizado, p.ex., no quadro 4, indica que a referida ordem é aceitável num contexto em que o advérbio envolvido claramente está prosodicamente marcado, o que indica, neste caso, que se moveu para [Spec, ModifierP] de Rizzi (2004), onde atua como advérbio de “cenário”.

c-comandados por esse AdvP, como consequência de uma versão revisitada do *Head Movement Constraint* (Travis, 1984).

São bastante reveladores aqui os julgamentos reportados (ainda em relação a essa segunda coluna de julgamentos) para os advérbios *tudo*, *completamente*, *em vão* e *obrigatoriamente*, uma vez que agora poderemos vislumbrar uma variação entre as línguas aqui consideradas: em PB, o V deve se mover à esquerda de *completamente* – fato que já tinha sido observado em trabalhos anteriores (GALVES, 1994; CYRINO, 2013; TESCARI NETO, 2013); movimentos ulteriores serão opcionais; sendo assim, o V não precisa subir à esquerda e *em vão* e *obrigatoriamente*; pode fazê-lo, mas tão somente opcionalmente; em PM, o V deve se mover acima de *bem* (sendo a ausência do movimento para posições acima deste AdvP apenas *marginal*); das variedades hispânicas consideradas, o EC é a língua em que o V tem de se mover mais: a ausência do movimento do V por sobre *obrigatoriamente* dá lugar à marginalidade; em EP e EV o verbo precisa subir à esquerda de *em vão*, mas não acima do advérbio que o c-comanda imediatamente, a saber, *obrigatoriamente*. Repare que esses dados reportados para a segunda coluna de julgamentos são complementares aos da terceira e da quarta colunas, o que nos permite chegar ao seguinte *cline* de variação entre as línguas consideradas:

FIGURA 4 – Variação em relação à altura de movimento obrigatório do V finito



Fonte: elaboração própria.

A próxima seção trata do movimento do particípio passado ativo.

4.2 Da subida do verbo temático no particípio passado ativo

Também encontramos variação entre as variedades aqui investigadas no que diz respeito ao movimento do particípio passado ativo. As ocorrências em (11) e (12) ilustram a posição dessa forma

verbal respectivamente em relação aos advérbios inceptivo (*do nada*) e acelerativo (*cedo*) em PM.

- (11) a. *A Maria tem do nada a casa limpado
 b. *A Maria tem do nada limpado a casa
 c. ^{OK}A Maria tem limpado do nada a casa
 d. A Maria tem limpado a casa do nada
- (12) a. *A Maria tem cedo a casa limpado
 b. *A Maria tem cedo limpado a casa
 c. A Maria tem limpado cedo a casa
 d. A Maria tem limpado a casa cedo

Os dados em (11a, 12a) do PM novamente ilustram que o padrão AdvP-Objeto-V não corresponde a uma ordem possível nessa variedade. (De fato, essa não é uma ordem possível em nenhuma das variedades aqui investigadas. Investigamo-la, contudo, simplesmente por se tratar da “ordem de base” ou “ordem de Merge” dos elementos (na esteira de CINQUE, 2006). (11b, 12b) deixam claro que o particípio passado ativo tem de se mover por sobre esses dois advérbios baixos. Conforme veremos na apresentação e discussão do quadro 2, o particípio passado ativo, uma vez que tem de se mover por sobre *cedo*, tem de se mover por sobre todos os advérbios por ele c-comandados, i.e., *do nada*, *de novo* e *com frequência*. As ordens (11c,d; 12c,d) ilustram ocorrências reportadas como gramaticais: a preferência, contudo, continua sendo pelas ordens em (d), não obstante o fato de as ordens em (c) serem possíveis.

O quadro 2 apresenta os julgamentos reportados (tendo em vista cada uma das variedades em estudo) para o posicionamento do V no particípio passado ativo em relação a cada um dos oito advérbios considerados, nas quatro ordens em questão, i.e., AdvP-Obj-V; AdvP-V-Obj; V-AdvP-Obj e V-Obj-AdvP:

QUADRO 2 – A posição do participio passado ativo em relação aos oito advérbios mais baixos e o objeto

	AdvP - Objeto - V					AdvP-V-Objeto					V - AdvP - Objeto					V - Objeto - AdvP					
	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV	
<i>obrigatoriamente</i>	*	?	*	*	*	✓	✓	*	*	*	✓	✓	?	✓	✓✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>em vão</i>	*	?	*	*	*	?	*	*	*	*	✓	?	✓✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>completamente</i>	*	?	*	*	*	?	?	*	*	*	✓	✓✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓
<i>tudo</i>	*	*	*	*	*	*	✓	*	*	*	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	?	?	*	✓	✓	✓
<i>bem</i>	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓	✓	✓	✓	✓
<i>cedo</i>	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	?	✓	✓✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>do nada</i>	*	*	*	*	*	??	*	*	*	*	✓	?	✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>de novo</i>	*	*	*	*	*	??	*	*	*	*	✓	?	✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>com frequência</i>	*	*	*	*	*	??	✓	*	*	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓

Como esperado, o V tem de se mover obrigatoriamente também no participio passado ativo, se considerarmos sobretudo a ordem V-AdvP- Objeto (para os advérbios mais baixos): em todas as variedades, o V deve se mover obrigatoriamente por sobre *em vão* e todos os advérbios c-comandados por ele, conforme esperado, tendo em vista que, para chegar àquela posição, o VP tem de passar por um especificador à esquerda de cada um dos advérbios mais baixos do que *completamente* – um remanescente do *Head Movement Constraint* (Travis, 1984).⁸ Poderiam colocar em dúvida tal generalização, talvez, os dados do PM que envolvem a ordem AdvP-V-Objeto, para os advérbios *completamente* e *tudo*, cujos julgamentos reportados foram respectivamente a marginalidade e a gramaticalidade. Esses dados estão reproduzidos em (13a,b), abaixo.

- (13) a. ?O Eduardo tinha completamente terminado suas tarefas
- b. O Eduardo tem tudo colocado em ordem.

Para esses casos, é tentador, contudo, tratá-los como meros aparentes contraexemplos: em (13b), o advérbio *tudo* pode ter sido interpretado, pelos informantes, como topicalizado ou focalizado, o

⁸ Uma vez que se assume aqui movimento sintagmático (i.e., movimento do VP), é natural que o movimento se dê de especificador em especificador, criados para esse fim, acima de cada um dos advérbios rigidamente ordenados da hierarquia. Uma interpretação em termos de movimento nuclear do V teria o mesmo efeito, dado o *Head Movement Constraint*, acima mencionado.

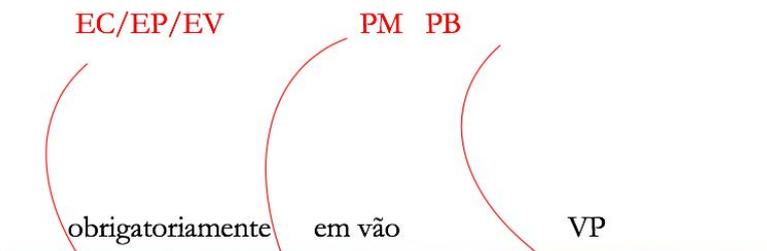
que o faria figurar em posição mais alta do que a de pouso do V. Assim, sua derivação envolveria movimento do VP de Spec em Spec até uma posição à esquerda de *tudo*, seguido por movimento de *tudo* para uma posição na periferia esquerda – possivelmente [Spec,FocP] e movimento subsequente do remanescente para [Spec,TopP]. Essa sequência de movimentos criaria a impressão de que o V não teria subido por sobre *tudo*, contrariamente aos fatos. Há indícios claros de que o V tenha de ultrapassar *tudo*: a marginalidade da ordem *completamente-V-Obj* e a agramaticalidade de *em vão-V-Obj*, interpretadas à luz de uma versão revisitada do *Head Movement Constraint*, nos permitiria inferir que o V, para se mover por sobre *em vão* (cf. o julgamento reportado para o PM, para a ordem AdvP-V-Obj), teria de se mover por sobre *tudo* e *completamente*.

O PB é a língua em que o particípio passado tem de se mover menos (em relação às outras variedades aqui consideradas): apenas por sobre *em vão* – e, em virtude do *Head Movement Constraint* (TRAVIS, 1984), ou do que quer que seja a restrição subjacente a essa regra, por sobre todos os advérbios c-comandados por *em vão*. Movimento para projeções acima das que c-comandam *em vão* não é obrigatório, como no caso das outras variedades aqui consideradas. As variedades do espanhol têm, todas, comportamento similar: o particípio passado ativo tem de se mover por sobre todos os oito advérbios baixos. Esses dados para a segunda coluna de julgamentos vão ao encontro dos reportados na terceira e quarta colunas: o movimento do particípio passado é obrigatório em todas as línguas consideradas, pelo menos à esquerda de *em vão*.

O *cline* da fig. 5 ilustra as alturas mínimas de pouso obrigatório do particípio passado ativo nas línguas consideradas.⁹ Dessa vez, em todas as variedades, o V tem de se mover um pouco mais, sobretudo nas variedades hispânicas:

⁹ Naturalmente, investigação ulterior terá de se voltar para as posições mediais e mediais altas, de modo a precisar as alturas de pouso obrigatório do particípio nas variedades em estudo.

FIGURA 5 – Variação em relação à altura de movimento obrigatório do particípio passado ativo



Há uma preferência, pelos falantes, relativamente à posição de *tudo* e *bem*, pela ordem V-AdvP-Obj, conforme ilustrado em (14-15), com dados do espanhol. Em todas as línguas aqui consideradas, essa foi a posição preferencial desses advérbios relativamente ao particípio passado ativo e o objeto. Conforme vimos no quadro 1, essa também foi a ordem preferida para os mesmos advérbios (com uma única exceção), o que destoa do comportamento dos outros advérbios.

- (14) Eduardo ha colocado todo en orden
 Eduardo tem colocado tudo em ordem
 ‘Eduardo colocou tudo em ordem’
- (15) María ha limpiado bien la casa
 Maria tem limpado bem a casa
 ‘Maria limpou bem a casa’

A diferença entre as variedades aqui consideradas no que diz respeito à altura dos movimentos das duas formas verbais estudadas até o momento é bastante clara: enquanto no PB, o verbo finito deve subir à esquerda de *completamente*, o particípio passado ativo deve subir uma projeção a mais, i.e., à esquerda de *em vão*. Em PM, o V finito deve se mover pelo menos por sobre *bem*. Já o particípio passado ativo se move bem mais: deve ultrapassar *em vão*. O V finito e o particípio passado ativo sobem às mesmas alturas no EC. No EP e no EV, o V finito obrigatoriamente se move à esquerda de *em vão*; nessas mesmas variedades, o particípio passado ativo tem que se mover por sobre *obrigatoriamente*.

Investigações futuras terão de explicar o porquê de tais preferências. Muito possivelmente estão ligadas a PF. Poderíamos avançar, p.ex., para o caso de *bem/bien*, a hipótese de que, por ser monossilábico, só pode aparecer em posição final se prosodicamente marcado. Investigações futuras ainda terão de explicar o posicionamento preferencial de *tudo/todo*.

4.3 Da subida do verbo temático no infinitivo

Vimos na seção 1 que, no francês e no inglês, o movimento da forma infinitiva do V temático não era obrigatório, conforme os dados (2), de Pollock (1989), reproduzidos abaixo.

- (2) a. To often look sad during one's honeymoon is rare (p. 381)
 Por frequente parecer triste durante sua lua-de-mel é raro
 'Frequentemente parecer triste durante a lua de mel é raro'
- a'. Souvent paraître triste pendant son voyage de noce, c'est rare
 Frequentemente parecer triste durante sua viagem de núpcias, é raro
 'Parecer frequentemente triste durante a sua lua de mel é raro' (p. 377)
- b. *To look often sad during one's honeymoon is rare. (p. 382)
 'Parecer frequentemente triste durante sua lua de mel é raro'
- b'. Paraître souvent triste pendant son voyage de noce, c'est rare (p. 378)
 'Parecer frequentemente triste durante sua lua de mel é raro'

Tanto em francês como em inglês, o V temático na forma infinitiva não precisa se mover por sobre o AdvP *souvent/often* 'frequentemente'. Há, portanto, no que diz respeito ao movimento dessa forma do V lexical, um quadro diferente, no francês, relativamente ao que se observa para o V finito, cujo movimento é obrigatório.

Já nas cinco variedades ibéricas aqui estudadas, a forma infinitiva do V temático *deve* deixar o domínio temático, ultrapassando obrigatoriamente o advérbio *tudo/todo* e, naturalmente, todos os advérbios c-comandados por ele, conforme podemos ver na segunda e terceira colunas de julgamentos (quadro 3):

QUADRO 3 – A posição do infinitivo em relação aos oito advérbios mais baixos e o objeto

	AdvP – Objeto – V					AdvP-V-Objeto					V – AdvP - Objeto					V – Objeto - AdvP				
	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV
<i>obrigatoriamente</i>	*	*	*	*		??	?	??	*	?	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<i>em vão</i>	*	*	*	*		*	*	??	*	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<i>completamente</i>	*	*	*	*		*	*	??	*	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<i>tudo</i>	*	*	*	*		*	*	*	*	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	?	✓	✓	✓
<i>bem</i>	*	*	*	*		*	*	*	*	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<i>cedo</i>	*	*	*	*		*	?	✓	*	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<i>do nada</i>	*	*	*	*		*	?	✓	*	*	✓	✓	✓	✓	(?)	✓	✓	✓	✓	✓
<i>de novo</i>	*	*	*	*		*	*	*	*	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<i>com frequência</i>	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓

Os dados em (16) e (17), do EC, ilustram a posição do infinitivo relativamente aos advérbios *de la nada* ‘do nada’ e *temprano* ‘cedo’. A ordem preferida é aquela em que o advérbio aparece em posição final. Conforme sugerido na seção 3, essa ordem é derivada pelo movimento do VP por sobre o objeto, com ulterior movimento do bloco VP-Objeto por sobre o advérbio, resultando na inversão da ordem de Merge desses elementos.

- (16) a. *De la nada la casa limpiar, Eduardo odia!¹⁰
 Do nada a casa limpiar, Eduardo odeia!
 ‘Limpar a casa do nada, o Eduardo odeia!’
- b. *De la nada limpiar la casa, Eduardo odia!
- c. Limpiar de la nada la casa, Eduardo odia!
- d. Limpiar la casa de la nada, Eduardo odia!

¹⁰ Um dos pareceristas chamou a atenção para o fato de estruturas como (16a) envolvem uma topicalização de VP infinitivo, o que poderia tornar tais dados inadequados à análise. Uma vez que estruturas de topicalização de VP respeitam a hierarquia universal (cf. a gramaticalidade de (i), que respeita a hierarquia de Cinque, com a agramaticalidade de (ii), que apresenta os advérbios *completamente* e *bem* na ordem inversa à hierárquica), podem ser utilizadas no estudo da posição do V-infinitivo.

Limpar completamente bem a casa, o Eduardo adora! (PB)

*Limpar bem completamente a casa, o Eduardo adora! (PB)

O ponto levantado pelo parecerista é interessante para levantamento em investigação futura: haverá diferenças no que diz respeito à altura a que as formas verbais sobem em sentenças em que o VP infinitivo ocupa a posição canônica de complemento?

- (17) a. *Temprano la casa limpiar, Eduardo odia!
 Cedó a casa limpiar, Eduardo odeia!
 ‘Limpar a casa cedo, o Eduardo odeia!’
- b. *Temprano limpiar la casa, Eduardo odia!
- c. Limpiar temprano la casa, Eduardo odia!
- d. Limpiar la casa temprano, Eduardo odia!

Das línguas investigadas, conforme vemos na segunda coluna de julgamentos do quadro 3, o EP é aquela em que o V deve subir mais, ultrapassando *obligatoriamente* ‘obrigatoriamente’. Em EV e em PM e PB, deve ultrapassar *em vão/en vano*. Já no EC, o verbo no infinitivo deve subir um pouco menos, ultrapassando obrigatoriamente *tudo*. A fig. 6 abaixo apresenta o *cline* de variação entre essas línguas no que diz respeito ao movimento do infinitivo, sem pied-piping do objeto.

FIGURA 6 – Variação em relação à altura de movimento obrigatório do infinitivo



A subseção 4.4, a seguir, finaliza a apresentação dos dados, com a posição do gerúndio relativamente aos advérbios aqui investigados.

4.4 Da subida do verbo temático no gerúndio

A posição do V no gerúndio apresentou ligeiríssima variação no conjunto das línguas aqui estudadas: em todas as variedades, com exceção do EV – em que o V não precisa ultrapassar *obligatoriamente* ‘obrigatoriamente’ (um ponto a ser discutido logo em seguida) –, o V deve ultrapassar, quando não carrega consigo o objeto, todos os oito advérbios considerados (cf. quadro 4):

QUADRO 4 – A posição do gerúndio em relação aos oito advérbios mais baixos e o objeto

	AdvP – Objeto – V					AdvP-V-Objeto					V – AdvP - Objeto					V – Objeto - AdvP				
	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV	PB	PM	EC	EP	EV
<i>obrigatoriamente</i>	*	*	*	*		*	?	*	*	✓	✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓	✓✓
<i>em vão</i>	*	*	*	*		*	*	*	*	*	✓	?	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>completamente</i>	*	*	*	*		*	*	*	*	*	✓	✓✓	✓	✓	✓	✓✓	?	✓✓	✓✓	✓✓
<i>tudo</i>	*	*	*	*		*	*	*	*	*	✓✓	✓✓	✓✓	✓	✓✓	✓	✓	✓	✓✓	✓
<i>bem</i>	*	*	*	*		*	*	*	*	*	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓	✓	?	✓	✓
<i>cedo</i>	*	*	*	*		*	*	*	%	*	✓	✓	?	✓	*	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>do nada</i>	*	*	*	*		*	*	*	%	*	✓	✓	✓	✓	*	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>de novo</i>	*	*	*	*	*	*	*	*	%	*	✓	✓	✓	✓	?	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓
<i>com frequência</i>	*	*	*	*	*	*	?	*	%	*	✓	✓	✓	✓	✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓	✓✓

As ocorrências a seguir, ilustram o posicionamento de *bien* ‘bem’ e *todo* ‘tudo’ relativamente ao V e o objeto, em EP:

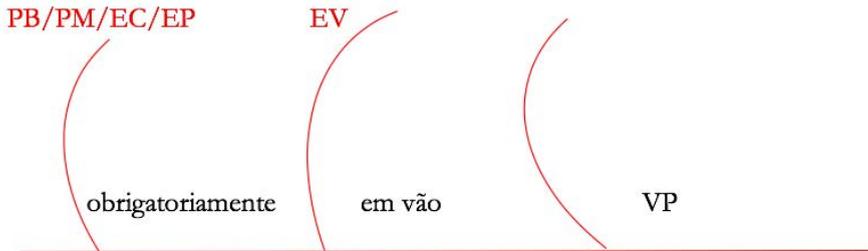
- (18) a. *Bien la casa limpiando, Eduardo agrada a su madre.
 Bem a casa limpando, Eduardo agrada a sua mãe
 ‘Limpiando bem a casa, o Eduardo agrada a sua mãe’
- b. *Bien limpiando la casa, Eduardo...
- c. Limpiando bien la casa, Eduardo...
- d. Limpiando la casa bien, Eduardo agrada a su madre

- (19) a. *Todo en orden colocando, Eduardo agrada a su madre
 Tudo em ordem colocando, Eduardo agrada a sua mãe
 ‘Colocando tudo em ordem, o Eduardo agrada a sua mãe’
- b. *Todo colocando en orden, Eduardo agrada su madre
- c. Colocando todo en orden, Eduardo agrada a su madre
- d. Colocando en orden todo, Eduardo agrada a su madre

Sobre as ordens envolvendo movimento do V, i.e., V-AdvP-Objeto e V-Objeto-AdvP, novamente a preferencial é a última, com as exceções envolvendo os advérbios *tudo/todo* e *bem/bien* e pouquíssima variação em relação a outros poucos advérbios.

O cline a seguir sintetiza os achados principais do quadro 4 (relativamente ao movimento obrigatório do V):

FIGURA 7 – Variação em relação à altura de movimento obrigatório do gerúndio



Descrito o comportamento das variedades aqui investigadas, relativamente à posição das quatro formas verbais, temos de colher implicações para a teoria do movimento do verbo. Essa é a tarefa da próxima seção.

5 Implicações para a teoria do movimento do V

Os dados apresentados na seção 4 levam a uma conclusão importante para a teoria do movimento do verbo: em primeiro lugar, pode-se abandonar o movimento nuclear, em proveito de um tratamento uniforme, para o movimento do V, em termos de movimento sintagmático; em segundo lugar, parece não haver ligação necessária entre pobreza/riqueza de flexão e movimento do V.

Sobre o primeiro ponto, os dados do EV, apresentados no quadro 4 da seção anterior, sobre as ordens V-AdvP-Objeto e V-Objeto-AdvP (envolvendo os advérbios *temprano* ‘cedo’, *de la nada* ‘do nada’ e *de nuevo* ‘do novo’), apontam na direção de um abandono do movimento nuclear como uma operação da *Narrow Syntax* (como já sugerido em CHOMSKY, 2001), no estudo do movimento do verbo, em proveito de uma análise que envolva tão somente movimento sintagmático. Os dados do quadro 4 que aqui nos interessam estão sintetizados no quadro 5:

QUADRO 5 – A posição do gerúndio em EV

	AdvP-V-Objeto	V – AdvP - Objeto	V – Objeto - AdvP
<i>bien</i>	*	✓✓	✓
<i>temprano</i>	*	*	✓✓
<i>de la nada</i>	*	*	✓✓
<i>de nuevo</i>	*	?	✓✓
<i>com frecuencia</i>	*	✓	✓✓

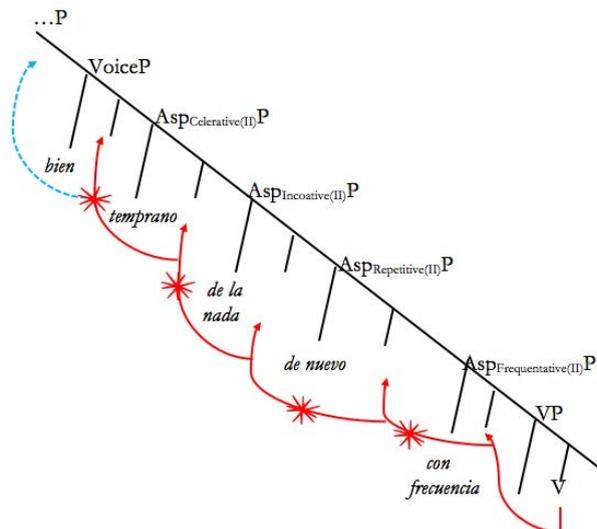
A ordem AdvP-V-Objeto (primeira coluna de julgamentos do quadro 5) evidencia a necessidade de o gerúndio se mover na zona mais baixa da oração em EV. A segunda coluna de julgamentos, se desconsiderarmos o posicionamento V-*com frecuencia*-Objeto, reporta dados interessantes para a teoria do movimento do V: o V(P) não pode subir sozinho, i.e., sem *pied-piping*, por sobre *de nuevo* ‘de novo’ (20b), *de la nada* ‘do nada’ (21b) e *temprano* ‘cedo’ (22b); apenas a ordem V-Objeto-AdvP é possível nesses casos (dados de TESCARI NETO; GARCÍA CARABALLO, 2018):

- (20) a. *Otra vez haciendo cachapa, Clara se manchó la ropa
 Outra vez fazendo cachapas, Clara se manchou a roupa
 ‘Fazendo cachapas de novo, a Clara sujou a roupa’
 b. ?Haciendo otra vez cachapa, Clara se manchó la ropa.
 c. Haciendo cachapa otra vez, Clara se manchó la ropa.
- (21) a. *De la nada haciendo cachapa, Clara se manchó la ropa
 Do nada fazendo cachapas, Clara se sujou a roupa
 ‘Fazendo cachapas do nada, a Clara sujou a roupa’
 b. *Haciendo de la nada cachapa, Clara se manchó ...
 c. Haciendo cachapa de la nada, Clara ...
- (22) a. *Temprano w haciendo cachapas, Clara se manchó la ropa
 Cedo fazendo cachapas, Clara se sujou a roupa
 ‘Fazendo cachapas cedo, a Clara sujou a roupa’
 b. *Haciendo temprano cachapas, ...
 c. Haciendo cachapas temprano

Se assumíssemos movimento nuclear do V para derivar a ordem V-AdvP-Objeto (a segunda coluna de julgamentos da tabela), esperaríamos a gramaticalidade de (20b, 21b e 22b),¹¹ o que não é corroborado pelos dados, conforme observado. A boa formação de (20c, 21c e 22c) sugere que a subida do V à flexão em EC deve, pelo menos para esses advérbios em EV, obrigatoriamente envolver movimento sintagmático. Recorrer a movimento nuclear do V para derivar as ocorrências gramaticais da ordem V-AdvP-Objeto (para os advérbios acima de *temprano* ‘cedo’ (i.e., *bien* ‘bem’, *todo* ‘tudo’, *completamente* ‘completamente’, *en vano* ‘em vão’, *obligatoriamente* ‘obrigatoriamente’) teria pelo menos dois entraves: primeiramente, seria pouco econômica a assunção de dois tipos de movimento do V: nuclear e sintagmático; uma teoria restritiva da GU que lida tão somente com movimentos sintagmáticos com ou sem pied-piping é, com certeza, muito mais econômica, na explanação dos fatos, do que uma abordagem concorrente que recorre a esses dois expedientes de movimento. Em segundo lugar, a assunção de movimento nuclear para a derivação da ordem V-AdvP-Objeto para esses casos violaria a restrição sobre o movimento nuclear (*Head Movement Constraint*) (TRAVIS, 1984), uma vez que, se o V se move nuclearmente por sobre *bien*, *todo*, *completamente*, etc., deve necessariamente passar pelos núcleos das projeções em cujos especificadores encontramos os advérbios c-comandados por *bien*, contrariamente ao que observamos em (20b, 21b e 22b). A fig. 8 ilustra essa impossibilidade de o V se mover por sobre *bien* (nuclearmente) tendo em vista a agramaticalidade de (20b, 21b e 22b): para se mover nuclearmente por sobre *bien* teria de poder se mover nuclearmente por sobre os advérbios c-comandados por *bien*, contrariamente aos fatos:

¹¹ A ordem V-*con frecuencia*-Objeto foi reportada, pelo informante, como gramatical em EV, provavelmente por ter ele considerado a posição alta de Merge do advérbio frequentativo, com escopo sob o evento, o que, naturalmente, não invalida a generalização importante (e crucial para a teoria do movimento do V) de que, para a zona mais baixa da oração, o V(P) não pode se mover sozinho (por movimento nuclear ou mesmo sintagmático somente de VP).

FIGURA 8 – Do movimento do gerúndio em EV



Fonte: Elaboração própria

À guisa de conclusão, portanto, tendo em vista os dois argumentos apresentados, pode-se propor que as instâncias remanescentes de movimento nuclear sejam tratadas como movimentos sintagmáticos.¹²

¹² Seguindo esse raciocínio, sentenças na ordem V-AdvP-Objeto (como ocorrências envolvendo o advérbio *bien*) seriam derivadas pelo movimento (sintagmático) do VP por sobre o Objeto – soldado acima do VP (numa estrutura não-larsoniana à la CINQUE, 2006) – e, na sequência, por sobre o advérbio (de especificador em especificador) sem inversão de ordem. Para mais detalhes, cf. Cinque (2006, cap. 6) e Tescari Neto (2013, cap. 1 e 2).

Tendo em vista o quadro 4, os casos do movimento do infinitivo, em que parece haver alguma ligeiríssima variação no que diz respeito à preferência pela ordem V-Objeto-AdvP_x, numa língua, e pela ordem V-AdvP_x-Objeto numa outra (mesmo envolvendo o mesmo AdvP_x), merecem estudos detalhados e futuros, possivelmente envolvendo mais falantes, no intuito de verificar se, de fato, há mesmo essa variação. Tais casos parecem diferir daqueles envolvendo o movimento do particípio por sobre *tudo/todo* e *bem/bien*, em que há preferência sistemática, tanto nas variedades do português, como nas do espanhol, pela ordem V-AdvP-Objeto (diferentemente do que se observa com os outros advérbios baixos, cuja preferência é pela ordem V-Objeto-AdvP). Entendo que esse ponto deverá ser mais bem explorado em investigação futura.

6 Considerações finais

Nosso objetivo no trabalho foi o de apresentar a posição de quatro formas verbais (finito, infinitivo, gerúndio e particípio passado ativo) do V temático em variedades do português e do espanhol: o PB e o PM, e o EC, o EP e o EV.

Conforme vimos na seção 4, há movimento dessas quatro formas verbais nas cinco línguas investigadas. O movimento do V é, portanto, a regra nesses sistemas. Foi detectada variação relativamente à altura a que cada forma específica subia (dentro de uma mesma língua). Para além dessa variação intralinguística, notou-se variação entre as cinco variedades estudadas.

Fato curioso foi o movimento do V no infinitivo (nas línguas aqui consideradas): o V obrigatoriamente se move, no infinitivo, em todas as cinco variedades: em EC, deve ultrapassar o advérbio *tudo/todo*; em PB e EV, *em vão/en vano*; em PM e EP, *obrigatoriamente/obligatoriamente*. Conforme mencionado na seção 1, esse comportamento se diferencia do comportamento do francês, em que, a julgar por Pollock (1989), o V temático no infinitivo sequer precisa subir, muito embora o V finito obrigatoriamente se move. O V finito subiu menos do que o infinitivo em PB, PM e EP; em EV, o V finito e o infinitivo subiram às mesmas alturas e, em EC, foi o V finito que subiu mais. Esse ponto merece atenção em investigação futura.

Dados do EV para a posição do V relativamente a advérbios muito baixos foram úteis à argumentação de que se pode lançar mão, de fato, do movimento nuclear, em proveito de uma análise por movimento sintagmático (para todas as instâncias de movimento do V).

O exame aqui feito deverá, naturalmente, em trabalhos futuros, se estender aos advérbios mediais e aos altos. Igualmente, o mesmo expediente diagnóstico – os advérbios da hierarquia universal – poderá ser utilizado para o estudo da subida de Vs auxiliares, de verbos modais, aspectuais e outros V funcionais.

Agradecimentos

Agradeço à FAPESP pelo apoio financeiro (processo 2016/20853-6). Agradeço também às audiências do I CITAM (Rio de Janeiro) – maio de 2018 –, do 3rd Eissi (Florianópolis), do GT-TG da Anpoll (Florianópolis) e do VIII Encuentro de Gramática Generativa (Buenos Aires), por todas as contribuições. Agradecimento especial aos companheiros de meu laboratório, o *LaCaSa*, por todas as sugestões feitas a versões anteriores deste trabalho, apresentadas em nossas reuniões, e a Luigi Rizzi por comentários tão bem-vindos nos eventos de Florianópolis. Um agradecimento carinhoso a Francisco Forero-Pataquiva e a Andrés García Caraballo, que ofereceram alguns dados adicionais, para além dos dados reportados em seus trabalhos aqui citados. Tive a possibilidade de realizar a coleta dos dados do PM em Maputo, Moçambique. Agradeço aos professores do setor de Língua Portuguesa e do departamento de Linguística, por todo o apoio na coleta dos dados. O prof. Francisco Vicente facilitou tudo para que a coleta se desse de forma muito efetiva. Agradeço também ao prof. Óscar Fumo (UEM, Maputo; PPGLA/UNICAMP) por toda a ajuda com os dados. Um agradecimento muito especial aos dois pareceristas anônimos da RELIN que, com seus questionamentos, correções, inquietações e sugestões fizeram o artigo ganhar em qualidade. Responsabilizo-me pelos problemas que insistiram em permanecer.

Referências

- BELLETTI, A. *Generalized Verb Movement*. Turin: Rosenberg & Sellier, 1990.
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, L. (Ed.) *The Structure of CP and IP*. New York; Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 16-51.
- CAROBALOPES, J. *Relatório final de Iniciação Científica*. Campinas: PRP, UNICAMP, 2018.
- BOWERS, J. The Syntax of Predication. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 24, p. 591-656, 1993.

CHOMSKY, N. Some Notes on Economy of Derivation and Representation. In: FREIDIN, R. (Ed.). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991. p. 417-454.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. J. (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001. p. 1-52.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, G. Deriving Greenberg's Universal 20 and Its Exceptions. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 36, n. 3, p. 315-332, 2005.

CINQUE, G. *Restructuring and Functional Heads: the Cartography of Syntactic Structures*. New York: Oxford University Press, 2006.

CINQUE, G. Word Order Typology. A Change of Perspective. In: BIBERAUER, T.; SHEEHAN, M. (Ed.). *Theoretical Approaches to Disharmonic Word Orders*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 47-73. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199684359.003.0002>

CINQUE, G.; RIZZI, L. The Cartography of Syntactic Structures. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, 2010. p. 51-65.

CYRINO, S. On Richness of Tense and Verb Movement in Brazilian Portuguese. In: CAMACHO-TABOADA, V. et al. (Ed.). *Information Structure and Agreement*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 297-318. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.197.11cyr>

FORERO PATAQUIVA, F. P. *O movimento do verbo temático finito no espanhol de Bogotá*. Projeto de pesquisa. Campinas: UNICAMP/PIBIC, 2018.

GALVES, C. V-movement, levels of representation and the Structure of S. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 96, p. 35-58, 1994.

GARCÍA CARABALLO, A. D. G. *O movimento do verbo temático finito no espanhol venezuelano*. Relatório final de IC apresentado ao FAEPEX, PRP/UNICAMP. Campinas: Unicamp, 2018.

KAYNE, R. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.

KAYNE, R. S. *Movement and Silence*. New York: Oxford University Press, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195179163.001.0001>

LARSON, R. K. On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 335-391, 1988.

PADULA, P. C. *Relatório final de Iniciação Científica*. Campinas: PRP, UNICAMP, 2018.

PINA, I. M. *Relatório final de Iniciação Científica*. Campinas: PRP, UNICAMP, 2018.

POLLOCK, J.-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 20, n. 3, p. 365-474, 1989.

RIZZI, L. The Fine Structure of Left Periphery. In: HAEGMAN, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997. p. 282-337. DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8_7

RIZZI, L. Locality and left periphery. In: BELLETTI, A. (Ed.) *Structures and Beyond*. The Cartography of Syntactic Structures. New York: Oxford University Press, 2004. v. 3, p. 223-251.

RIZZI, L.; CINQUE, G. Functional categories and syntactic theory. *Annual Review of Linguistics*, Palo Alto, CA, v. 2, p. 139-163, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011415-040827>

SANTANA, M. S. *A Sintaxe do Advérbio*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SANTANA, M. S. Sintagmas adverbiais como especificadores de projeções funcionais. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 189-202, 2007.

TESCARI NETO, A. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: a Cartographic Approach*. Tesi (Dottorato di Ricerca in Scienze del Linguaggio) – Università Ca' Foscari di Venezia, Venezia, 2013.

TESCARI NETO, A. *Movimento do verbo e arquitetura da oração no português de Angola e no de Moçambique: uma abordagem cartográfica*. Relatório de projeto de pesquisa encaminhado à FAPESP. Campinas: FAPESP, 2018.

TESCARI NETO, A.; CAROBALOPES, J.; PADULA, P. *A interferência do “tempo” na subida do verbo em português brasileiro*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2018. Manuscrito.

TESCARI NETO, A.; GARCÍA CARABALLO, A. D. *Movimento do verbo em espanhol: algumas questões*. Campinas: Unicamp, 2018.

TOSQUI, P.; LONGO, B. A distribuição dos advérbios modalizadores na sentença: uma análise de base gerativa. *Alfa*, Araraquara, v. 47, n. 1, p. 85-97, 2003.

TRAVIS, L. *Parameters and Effects of Word Order Variation*. 1984. Dissertation (Ph.D.) – MIT, Cambridge, 1984.